

O imaginário português pelo olhar de Boaventura de Souza Santos e de Eduardo Lourenço

letrônica

Paula Renata Lucas Collares¹

No primeiro momento, a partir título deste artigo, parece-nos um pouco arriscado trazer as palavras de dois estudiosos tão diferentes para falar de Portugal. Boaventura de Souza Santos, Professor Catedrático na Faculdade de Economia na Universidade de Coimbra, tem publicado livros sobre a globalização, a sociologia do direito, a epistemologia, a democracia e os direitos humanos. Especialmente, o autor tem-se dedicado ao estudo do fenômeno da globalização e as relações entre o local e o global. Já Eduardo Lourenço é formado em Ciências Histórico-Filosóficas, já lecionou em diversas universidades, é admirado pela sua capacidade de analisar o destino português e mostrar como esse destino foi miticamente construído.

Boaventura de Souza Santos, como cientista social, utiliza dados estatísticos para comprovar os processos identitários do povo português “no espaço-tempo da língua portuguesa” (SANTOS, 2006:227), que compreende uma vasta zona multissecular de contato com outros povos da América, Ásia e África. Eduardo Lourenço analisa a identidade cultural e nacional através de uma reflexão mítica e existencial. Essas poucas linhas não elucidam o grande prestígio acadêmico de ambos, entretanto elas nos ajudam a colocar em diálogo esses dois intelectuais contemporâneos que tão bem entendem a construção do imaginário português e as questões concernentes a sua identidade nacional.

Santos, no ensaio intitulado “Entre o Próspero e o Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”, retomando antigos pensamentos de outros teóricos, reafirma a condição de Portugal como um país, desde o século XVII, semiperiférico no sistema

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc-RS). Bolsista parcial Capes. E-mail: paulacollares123@hotmail.com

mundial capitalista moderno, situação que apesar de ter evoluído permanece mantendo os seus traços fundamentais: um desenvolvimento econômico intermédio e uma posição de intermediação entre o centro e a periferia. Além disso, Portugal sempre se enquadrou mal nos binarismos cultura/natureza; civilizado/selvagem; moderno/tradicional - defendidos pela modernidade.

O colonialismo, que durou séculos em Portugal, impregnou as configurações de poder social, político e cultural no país. Assim sendo, o fim do colonialismo político não determinou o fim do colonialismo social. Fora toda essa problemática, o país tem uma grande dificuldade em diferenciar-se do território exterior e, por outro lado, promover uma homogeneidade interna dentro do seu próprio território. A integração de Portugal na União Européia gerou outro problema para o país que é considerado, para alguns, periférico e semiperiférico para outros.

As culturas nacionais são uma criação do século XIX, sendo o produto histórico de uma tensão entre o universalismo e o particularismo gerido pelo Estado. O Estado teria o papel de diferenciar a cultura do território nacional do exterior e promover a homogeneização cultural no interior do território nacional. De acordo com Santos, em Portugal nunca foi desempenhado nenhum desses papéis. A cultura portuguesa mantém até hoje uma forte heterogeneidade interna. Por essas situações e pelo próprio processo da colonização portuguesa e do colonialismo nas colônias, o lugar ocupado pelos portugueses não era nem do Próspero nem do Caliban, restando-lhes a liminaridade e a fronteira, a interidentidade como identidade originária.

Quem são os portugueses? A que grupo racial eles pertencem? A constituição étnica dos portugueses sempre gerou muita polêmica tanto para o próprio povo quanto para os estudiosos estrangeiros. Aqueles que quiseram fazer dos portugueses um Próspero atribuíram-lhes a ancestralidade lusitana, romana e germânica. Já, aqueles que os vêem como um Próspero relutante, inconsequente e calibanizado atribuem-lhes ancestralidade judaica, moura e negra. Como um Caliban europeu pode ser Próspero além-mar? Será pelo fato de nunca ter assumido nenhuma dessas duas identidades, pode assumir as duas simultaneamente?

Algumas dessas questões já haviam sido retratadas pelo referido autor em *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. No ensaio intitulado “Onze teses por ocasião de uma descoberta de Portugal”, Santos reflete a respeito do fato de Portugal ser considerado por estrangeiros e dentro do próprio país uma sociedade extremamente paradoxal. Por um lado, é um dos países menos desenvolvidos da Europa, entretanto é um país carregado de utopias (do sebastianismo à revolução de 25 de Abril de 1974) (2005:53).

Para os europeus, Portugal é um país quase desconhecido, exótico e idiossincrático, pelo fato de ter vivido, desde o século XVII, em um período marcado “pela repressão ideológica, a estagnação científica e o obscurantismo cultural” (2005:54), devido à forte inquisição e aos cinquenta anos de ditadura de Salazar. Santos considera que o fato de ter perdido a liberdade “fez com que acabasse por dominar a crítica da razão geradora dos mitos e esquecimentos com que os portugueses teceram os seus desencontros com a história” (2005:54). O surgimento dos diversos mitos, como por exemplo, O Encoberto, nada mais é que um “défice de realidade” (2005:54) de um país sem tradição filosófica e científica.

Todas as práticas sociais têm uma dimensão simbólica, os mitos sobre a sociedade fazem parte da realidade social de Portugal e sendo assim não podem ser deixados de lado. Quando as ciências sociais começaram a surgir nos países desenvolvidos, na segunda metade do século XIX e início do XX, Salazar não deixou que esses estudos entrassem em Portugal. Quando terminou a ditadura abriu-se espaço para as ciências sociais, mais especificamente, a psicanálise de Freud, Portugal sendo ao mesmo tempo o analista e o analisado, marcianiza-se.

A contradição está na base do espírito português. Santos retoma alguns pensamentos a respeito da nação que foram desenvolvidos ao longo do tempo. Jorge Dias em 1950 afirmava que “o português é um misto de sonhador e homem de acção, ou, melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista [...]” (2005:59). Dias também afirmava que o povo português é “[...] paradoxal e difícil de governar. Os seus defeitos podem ser as suas virtudes e as suas virtudes os seus defeitos, conforme a égide do momento” (2005:60).

Evidente que, como afirma Santos, esse pensamento poderia ter sido proferido por qualquer outro povo, mas tal caracterização tornou-se consenso nas elites culturais, criando uma espécie de senso comum que se alimenta de três tipos de *topoi*: o primeiro afirma que os portugueses seriam espanhóis diferentes; o segundo defende que no caráter português há um misto de contrastes. Natália Corrêa assegura que essa “plasticidade do homem português decorre de nele confluírem três grandes influências contraditórias, a mediterrânea, a atlântica e a continental” (apud SANTOS, 2005:61). O terceiro topos advém de uma “[...] oscilação entre visões positivas e visões negativas da condição do ‘homem português’ [...]” (2005:62).

Em “Modernidade, identidade e a cultura de fronteira”, Santos retoma algumas questões referentes à construção da identidade portuguesa. Portugal sofre de um “excesso de interpretação mítica” (2005:151), sempre que o país se questionou quanto a sua identidade fez “com um certo distanciamento e nunca como expressão de qualquer crise profunda que só os mitos desvendam [...]” (2005:151). Todos os questionamentos são identificáveis com o momento histórico que o país atravessa.

O problema de identificação que sofre o povo português criou, por um lado, um “vazio substantivo” (2005:152), mas por outro, “consolidou uma forma cultural muito específica, a fronteira ou a zona fronteira” (2005:152). Santos defende que não existe uma cultura portuguesa, mas uma forma cultural portuguesa - a fronteira, “[...] híbrida, babélica, onde os contactos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização” (2005:153). Neste espaço fronteiro “são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis [...]” (2005:153). Os portugueses foram colonizadores e emigrantes nas suas próprias colônias: “[...] Portugal, ao contrário dos outros povos europeus, teve de ver-se em dois espelhos para se ver, no espelho do Próspero e no espelho de Caliban, tendo a consciência de que o seu rosto verdadeiro estava algures entre eles [...]” (2005:152).

Para Eduardo Lourenço, em “Tempo português”, a história retrata a maneira como um povo vive a sua relação consigo e com o resto do mundo. É comum aos povos viverem, de certa forma, “confinados no amor de si mesmos” (1999:10), entretanto, a forma como Portugal se compraz de si mesma é bastante singular: “Portugal vive-se ‘por dentro’ numa espécie de isolamento sublimado, e ‘por fora’ como o exemplo dos povos de vocação universal, indo a ponto de dispersar o seu corpo e a sua alma pelo mundo inteiro [...]” (1999:10-1).

Lourenço mostra que o carácter messiânico é comum aos povos que desempenharam um papel na história, contudo, Portugal ao expandir-se para o mundo, “[...] investiu-se totalmente numa cruzada, ao mesmo tempo imperial e messiânica [...]” (1999:10), tornando-se uma espécie de Israel católico. Assim como as palavras de Santos já elucidaram, para Lourenço, Portugal tem uma identidade mítica - “razão da sua estranheza e do seu mistério” (1999:11). Portugal não é a única nação que se sente desconhecida, mas mais interessante e diferente é que eles decidiram “viver como cristãos nas catacumbas. Não porque pese sobre eles qualquer ameaça efetiva, mas porque não suportam serem olhados por quem ignore ou tenha esquecido a sua vida imaginária [...]” (1999:11).

Na verdade, os portugueses, emigrantes por natureza, nunca abandonaram a sua verdadeira pátria, um povo “[...] tão à vontade no mundo como se estivesse em casa [...]” (1999:12), eles não conhecem fronteiras, por não terem exterior, vivem como estivessem sozinhos, em uma ilha. Lourenço traz as palavras de Dom Francisco Manuel de Mello que supôs, antes de qualquer outro, que Portugal carrega certa nostalgia “[...] devido ao seu destino de povo marítimo, viajante, separado de si mesmo pelas águas do mar e do tempo [...]” (1999:12).

Conforme Lourenço, lembrar o passado “[...] não é nunca um ato neutro, mas essa regressão constitutiva da memória pode ser vivida apenas como simples alusão, mero sinal endereçado aos acontecimentos ou aos sentimentos que salpicam [...]” (1999:13). Porém “[...] os ‘regressos’ específicos da melancolia, da nostalgia, da saudade são de outra ordem: conferem um sentido ao passado que por meio delas convocamos. Inventam-no como uma ficção [...]” (1999:13). De acordo com Lourenço, Portugal não tem um povo trágico, nem nostálgico, nem melancólico, mas saudosista. Lembrar o passado está mais na “ordem do sonho do que do real” (1999:14), um “passado-presente”, um passado mítico, que Portugal não quer abandonar. Foi por essas razões que Portugal “converteu-se em ilha-saudade [...]” (1999:14). Através da saudade o passado não é só recuperado, mas também inventado. A saudade em Portugal é uma “espécie de enigma” (1999:31), transformada em mito.

É comum assimilarmos “o destino de um povo ao do indivíduo, com o seu nascimento, a sua adolescência, maturidade e declínio [...]” (1999:89). Tal crença confere a cada povo a sua identidade. Portugal quando se define “nos meados do século XII, como pequeno reino entre os diversos reinos cristãos de uma Ibéria dividida a medias com o Islão que a invade no século VIII, já nasce num quadro histórico com largo passado e, o que mais importa, com a leitura dele” (1999:90). Portugal foi o primeiro povo da península que se libertou do Islão e o primeiro a ocupar a beira do Atlântico, “a outra fronteira sem fim que mais tarde fará parte do seu espaço real e mítico do povo descobridor” (1999:90). Há em Portugal um forte sentimento de fragilidade, mas ao revés, eles encaram essa fragilidade como um dom de Deus. Sacralizar a “origem” de uma nação é uma atitude comum na maioria das nações, no entanto nenhum povo levou tão a sério como Portugal, “[...] essa inscrição, não apenas mítica, mas filial e já messiânica do seu destino, numa referência, ao mesmo tempo lendária e familiar num horizonte transcendente, a do próprio Cristo [...]” (1999:92).

O interesse de Lourenço é mostrar que o destino português “não só não é inseparável das ficções ativas com que os portugueses viveram ou vivem, como a sua leitura é impossível sem ter em conta essas mesmas ficções, quer dizer, a mitologia que elas configuram [...]”(1999:92)”. É a partir da “mitologia, na ficcionalização imanente à história vivida, que melhor podemos apreender. Adotando uma célebre fórmula de Kant podemos dizer que “a Mitologia sem História é vazia e a História sem Mitologia, cega” (1999:93).

Quando no século XIX, Portugal foi escrever a sua história, fez como se já não fizesse parte da Europa ou era uma outra Europa. A sua situação é singular - foi uma nação “que viveu e se viveu simbolicamente como uma ilha, sendo ao mesmo tempo um povo que desde os séculos XV e XVI se instalara no papel de descobridor e colonizador [...]” (1999:95). A

condição de ilha está intimamente ligada ao destino imperial, Portugal converteu-se “na ilha histórica mítica por excelência da Europa” (1999:95). Os descobrimentos alteraram o estatuto de Portugal, que em sentido “figurado passou a ser dois, não apenas empiricamente mas espiritualmente [...]” (1999:95) .

Muitos escritores dedicaram páginas e páginas a recordar a origem da nação portuguesa, os seus momentos de vitória, a expansão por outros territórios, os heróis desbravadores, etc. A noção de ascensão, apogeu e declínio do império português, mesmo sendo muito estudada, sofreu diferentes versões. Há uma corrente que via, como fora advertido pelo Velho do Restelo em *Os Lusíadas*, que a cobiça do povo português viria a causar efeitos negativos que derivariam na ruína do país. Por outro lado, outra corrente preferiu ver *Os Lusíadas* como símbolo de um povo desbravador e guerreiro. Essa é a visão que mais permanece na memória da nação e sofreu ao longo dos tempos diferentes releituras, mas acima de tudo projetando a idealização de um povo que se expandiu para além das fronteiras. Tal pensamento foi preponderante no século XIX para a construção do nacionalismo em Portugal.

Portugal sempre foi um país que teve uma predisposição para a criação de crenças míticas, como, por exemplo, o mito do sebastianismo, criado no imaginário do povo muito antes do nascimento de D. Sebastião. No artigo intitulado “Sebastianismo: Imagens e Miragens”, Lourenço mostra que quem desapareceu no areal “não era um adolescente imaturo, vítima de sonhos mal sonhados [...]” (1999:46), mas um rei frágil. Oliveira Martins transformou o que era uma “aberração sem lugar no discurso histórico” (1999:47) em mito cultural de um povo que não só tinha perdido a sua independência política, mas a sua identidade.

Já em “Portugal como destino: Dramaturgia cultural portuguesa”, Lourenço faz a ressalva que a Espanha, outrora inimiga hereditária de Portugal passa a ser sua parceira. Dessa forma, Portugal transforma-se de “ilha gloriosa em ilha perdida” (1999:97). O historiador Oliveira Martins transpôs D. Sebastião para o centro da mitologia portuguesa, “um rei que na vida e na morte converte o empírico e exaltado destino de um povo de configuração imperial num destino messiânico, esperando do futuro uma grandeza que não será mais universal que a enterrada numa só tarde nas areias ardentes de Alcácer Quibir [...]” (1999:131). Certamente, foi extremamente complicado para o país outrora tão imponente aceitar a morte de D. Sebastião. Para conseguir lidar com a nova situação sob domínio espanhol, foi necessário se agarrar ao misticismo.

Entretanto, percebe-se nos novos discursos, sobretudo, aqueles escritos em meados do século XX e na contemporaneidade, uma desconstrução dos mitos fundacionais. Os mitos agora são

entendidos como construção do imaginário. Conforme afirma Eduardo Lourenço, “Cada um só tem verdadeiramente a pátria que se inventa, quer dizer, a casa ideal onde o que é e o que faz se lhe volve transparente e fora do qual se sente, por assim dizer, perdido” (1999). Em outro texto, Lourenço nos diz que a universalidade não está ligada propriamente a um espaço, mas depende do olhar. A representação da identidade e da nação vai depender do olhar de quem conta a História ou a história. Eduardo Lourenço ao estudar a cultura portuguesa, não defende um universalismo, mas tenta compreendê-la a partir das suas mitologias que são o espelho desse povo. Para melhor entender a consubstanciação e autorepresentação de um povo nada melhor do que compreender a construção de seu imaginário. Para tentar entender o imaginário português, Lourenço busca aporte na ficção, pois, já que não podemos descortinar a verdade de uma cultura, ela melhor representa a nação lusófona ao articular o imaginário, o ficcional e o histórico. Lourenço não exclui a possibilidade de existência de um imaginário lusófono, mas ele não pode ser criado por decisão política e sim a partir do imaginário coletivo.

A visão desses dois intelectuais, mesmo respeitando as suas diferenças, mostram que é na origem da cultura portuguesa que reside todo o seu mistério. A hiperidentidade defendida por Lourenço é o resultado de uma identidade sobrecarregada de mitos, de heróis desbravadores, de fantasmas e, principalmente, de um passado idealizado. Agora, essa hiperidentidade gera uma espécie de vazio ideológico, uma inadequação aos modelos de desenvolvimento do resto da Europa, fato que estudo por Boaventura de Souza Santos que também, como pôde ser percebido, reflete a respeito do “excesso de interpretação mítica” do país. O nacionalismo português foi fabricado em prol de uma nação que não aceitava o fato de não ser mais um grande império. O passado era visto como um paradigma que devia ser constantemente reafirmado para preservar o melhor possível. O país segue em uma via de mão dupla, precisa se conciliar ao resto da Europa, mas não pode deixar de lado as suas singularidades histórico-culturais.

Referências

LOURENÇO, Eduardo. “A cultura portuguesa hoje”. In: *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 9-22.

LOURENÇO, Eduardo. “A nau de Ícaro ou o fim da emigração”. In: *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 44-54.

LOURENÇO, Eduardo. “Em torno do nosso imaginário”. In: *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 84-101.

LOURENÇO, Eduardo. “Tempo Português”. In: *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P.9-15.

LOURENÇO, Eduardo. “Da saudade como melancolia feliz”. In: *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P.31-34.

LOURENÇO, Eduardo. “Sebastianismo: Imagens e Miragens”. In: *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P.46-53.

LOURENÇO, Eduardo. “Portugal como destino: dramaturgia cultural portuguesa”. In: *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1999. P.89-152.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós, como futuro*. Cadernos do Pavilhão de Portugal Expo 98, Assírio e Alvim: Lisboa, 1997. P.18-20.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Entre o Próspero e o Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. In: *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006. P. 227-255.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal”. In: *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 10ed. São Paulo: Cortez, 2005. P. 53-73.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Modernidade, identidade e a cultura de fronteira”. In: *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 10ed. São Paulo: Cortez, 2005. P. 135-157.

Recebido em abril de 2012.

Aceito em junho de 2012.

Contato: paulacollares123@hotmail.com